

Editorial

O ano de 2022 inicia abrindo velhas e dolorosas feridas: a ferida do racismo, da escravidão, da tortura, da xenofobia e do estupro. Chagas que o governo Bolsonaro insiste em sangrar, aprofundar e macular.

Moïse Kabagambe, jovem refugiado congolês, radicado no Brasil desde os 11 anos, foi brutalmente assassinado por cobrar o pagamento de um serviço prestado em um quiosque na Barra da Tijuca. Dois homens brancos o espancaram até a morte simplesmente por ele ter cobrado por um trabalho desempenhado. Um crime com muitas camadas, um crime que descortina um passado tristemente presente. Moïse era congolês, africano, imigrante e, acima de tudo, negro, num país racista, que não superou a escravidão e que insiste em colocar pessoas negras em um lugar de subalternidade, humilhação e morte.

Outros monstros saíram desse armário. Em verdade, a ascensão da extrema-direita e sua crescente aceitação no *establishment* político como força política legítima vem trazendo temáticas há pouco tempo tidas como inaceitáveis para o centro das discussões, como a defesa de tortura, da xenofobia aberta e mesmo a aclamação de regimes ditatoriais. Bolsonaro é uma expressão desse movimento. O desempenho impressionante de Marine Le Pen, angariando 41,8% dos votos no segundo turno das últimas eleições francesas também. Diante do massacre social imposto pelo neoliberalismo e de uma renovação que tarda a nascer, emergem os monstros, poderia dizer o velho sardo, Antonio Gramsci! Saem dos esgotos da história, dos porões da ditadura, dos camburões da polícia, da carreta de caminhões usados para tráfico humano ou mesmo de salas de operação, transformadas em alcova de estupro pelo próprio médico.

No Sergipe, Genivaldo de Jesus Santos, um homem diagnosticado com quadro de esquizofrenia foi torturado, asfixiado e morto pela Polícia Rodoviária Federal (PRF). A parte traseira da viatura foi usada como câmara de gás improvisada pelos agentes num ato de abuso de poder e sadismo. No Texas, mais de cinquenta imigrantes latino-americanos foram encontrados mortos, asfixiados pelo calor na parte traseira de um caminhão, tentando entrar ilegalmente nos Estados Unidos. O que dizer do anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante por estuprar uma mulher durante o parto em São João de Meriti? A Segunda Guerra acabou, mas estamos aí a tratar de câmaras de gás e médicos-monstros em plena sala de jantar!

Impressionante como arquétipos de guerras passadas insistem em serem requentados e ressignificados em prol dos interesses presentes. A Rússia invade e declara guerra à Ucrânia; Vladimir Putin, presidente d Rússia, reforça o discurso nacionalista de integração e suposta defesa de populações russas na Ucrânia,

escalando para uma retórica de desnazificação como forma de obter apoio nacional e reduzir a rejeição internacional. É verdade que grupos neonazistas vêm crescendo e se fortalecendo desde 2014 no leste da Ucrânia, especialmente em regiões separatistas, aliadas da Rússia. As populações dessas localidades vêm sendo sistematicamente atacadas por grupos paramilitares neonazistas como Pravna e Azov Battalion. É também verdade que esses grupos vêm sendo formalmente incorporados ao exército Ucrainiano, demonstrando no mínimo convivência do atual governo ucraniano com ações neonazistas. Esta dramática realidade, contudo, parece não ser exatamente o centro do problema e ajuda mesmo a encobrir interesses econômicos, disputas políticas e alianças militares internacionais. A ponta do iceberg esconde uma brutal disputa imperialista por uma região riquíssima em recursos naturais, estrutura e tecnologia nuclear, além de ser um ponto geopolítico estratégico para a articulação militar norte-americana via Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) contra a Rússia.

De volta às questões nacionais, chegamos à metade do ano e muitas expectativas se anunciam. Nem chegamos à época da campanha, mas sabemos que a eleição será tensa, violenta e decisiva para a democracia no Brasil, conforme aponta o texto da nossa seção “Luta e Memória”. O assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Don Phillips, bem como do guarda municipal e dirigente do Partido dos Trabalhadores (PT), Marcelo Arruda, revelam o potencial mortal do ódio da extrema-direita contra integrantes da oposição ao atual governo. Marcelo foi morto a tiros em pleno aniversário, cujo tema era o PT, por um apoiador do governo Bolsonaro, que invadiu a festa gritando “mito” e ameaçando matar a todos. Apesar da explícita demonstração de intolerância política, a delegada do caso não considerou o crime político, evidenciando o nível de fragilidade política das instituições democráticas diante de ataques explícitos ao direito de liberdade e expressão política.

Porém, alguns episódios na América Latina e no Brasil podem nos ajudar a pensar nas primeiras derrotas da extrema-direita. A luta parlamentar trouxe ao poder pela primeira vez na Colômbia um militante ex-guerrilheiro, Gustavo Petro, e sua vice, uma mulher negra, periférica, advogada e ativista ambiental, Francia Márquez. A luta institucional levou à prisão o abjeto ex-ministro da educação Milton Ribeiro, investigado por desvio de verbas do Ministério da Educação (MEC) em favor de pastores. A luta do pequeno produtor conseguiu em plena pandemia e escalada avassaladora de preços, manter o preço do arroz dentro de uma margem aceitável. A luta do e pelo Sistema Único de Saúde (SUS) garantiu vacinas aos brasileiros apesar da necropolítica oficial.

Nossa presente edição conta com diversos artigos que abordam discussões teóricas, lutas, movimentos e conflitos do passado e do presente. Tantas vezes, desafios antigos ainda não superados e que, mesmo versando sobre outrora, fazem ainda hoje muito sentido. Abrimos este número com o brilhante artigo do professor André Guimarães Augusto intitulado “Desenvolvimento das forças produtivas e emancipação humana”, no qual realiza uma discussão acerca da relação entre o

aumento da produtividade e da emancipação humana em diálogo, principalmente, com Marx e com o marxista húngaro Geörgy Lukács. O autor defende que a constituição de uma sociedade comunista e, portanto, emancipada, depende da expansão das capacidades humanas e não apenas no aumento da produtividade. Em seguida apresentamos o artigo “Religião e política na trajetória intelectual de Friedrich Engels”, texto no qual Wallace Cabral Ribeiro aborda a importante e original contribuição de Engels para a filosofia e a sociologia da religião. Embora não apresente uma teoria geral da religião, a reflexão engelsiana é o fundamento de uma série de outras formulações marxistas sobre o fenômeno religioso, tema fundamental para a compreensão da realidade contemporânea e para a elaboração de uma agenda emancipatória num cenário em que o conservadorismo religioso e o obscurantismo ganham terreno.

O artigo de Sávio Freitas Paulo “Estranhamento, alienação e reificação: uma análise da primeira e da última obras marxistas de Lukács” apresenta o intrincado desenvolvimento da categoria de estranhamento no pensamento de Lukács, em um exercício para compreender em que medida o autor refina sua posição teórica em relação ao seu célebre texto de juventude, “História e consciência de classe” (2003). Amparada por uma compreensão ontológica da práxis do trabalho, as ideologias e a reprodução social, a categoria de estranhamento aflora, na última obra de Lukács, para evidenciar a enrascada na qual o capitalismo contemporâneo coloca a humanidade e para indicar caminhos para sua superação. O artigo de Layra Rodrigues, “A teoria marxista da dependência e o estado dependente”, resgata o debate de Ruy Mauro Marini e Jaime Osorio para compreender as formas de superexploração das populações na América Latina e suas especificidades, atualizando o debate com estatísticas para o caso brasileiro.

Em um resgate histórico importante, resultado de sua pesquisa de doutoramento, Danielle Jardim, no artigo “A questão feminina na Primeira Internacional: participação feminina e debates sobre as mulheres na Associação Internacional dos Trabalhadores”, discute a participação política e a luta das mulheres durante a AIT, a primeira Internacional. Apesar do recorte pretérito, questões levantadas no artigo sobre a inserção política da mulher trabalhadora, sobre um feminismo comprometido com a classe e a questão social são ainda hoje um desafio.

Por fim temos o artigo “A vanguarda do atraso e o ritmo da dominação burguesa: um exercício para o estudo de duas missões da USAID ao Brasil em 1970” de Diego Martins Dória Paulo. O trabalho explora o papel das missões da USAID no país no estabelecimento de um projeto de dominação social adequado às exigências do capital multinacional. Fazendo uso do arcabouço teórico de René Dreifuss, apresenta as vicissitudes de uma burguesia brasileira pressionada para modernizar e racionalizar a gestão política e contornar as pressões populares.

Em nossa seção “Notas Críticas” temos duas resenhas. A primeira delas, de Leonardo da Silva, apresenta a recente obra de Slavoj Žižek “A coragem da esperança: crônicas de um ano que agimos perigosamente”, dialogando com as temáticas atuais como terrorismo, imigração, crise climática, ataques à democracia e o crescimento dos ditos populismos de direita. Adentrando em discussões por vezes espinhosas, como a questão das opressões e a decolonialidade, o livro destaca ainda o baixo engajamento

político em geral e o acanhamento de uma esquerda liberal frente aos desafios que exigiram uma resposta muito mais contundente, estrutural e sistêmica.

A segunda resenha intitula-se “Recepção e apropriação do marxismo no Brasil: Octávio Brandão e o projeto editorial comunista na década de 1920”, no qual Luccas Maldonado e Renan da Silva apresentam o interessante trabalho de Felipe Castilho de Lacerda. O livro de Lacerda trata de revisitar a contribuição do dirigente e intelectual comunista Octávio Brandão para o pensamento social brasileiro, inscrevendo-a no contexto da produção intelectual e editorial à época estabelecida, além de destacar a relevância da reflexão de Brandão para a difusão do marxismo no país e para a constituição de uma tradição marxista no Brasil.

Para fechar a edição, nossa seção “Luta e Memória” traz o professor de história da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Carlos Zacarias, que está lançando esse ano seu livro “Onde nascem os monstros” (editora Quarteto), no qual realiza uma análise sobre a extrema-direita no Brasil, seu caráter fascista e suas manifestações nos últimos anos. Seu texto nesta seção realiza um panorama crítico pertinente sobre a conjuntura atual do país, que se prepara para encarar uma eleição ameaçada antecipadamente por fraude. Zacarias ressalta que o voto não será o fim da extrema-direita no Brasil, tampouco garantia de um processo político de transição pacífico. Nesse sentido, vemos que a emancipação humana discutida por André Guimarães Augusto é um horizonte realizável somente a partir da luta contra o fascismo mais do que nunca presente no Brasil.

Existe um segredo que poucos editores contam e nós vamos contar: as revistas se fazem sozinhas, ganham autonomia, fruto da conjuntura e também das diversas mãos que possibilitam sua publicação. Nossa revista é construída coletivamente no NIEP-Marx. Por isso, nunca é demais deixar aqui nosso agradecimento ao corpo de pareceristas, ao grupo de revisores e diagramadores que põem a revista de pé. Muito obrigado!